

## **TURISMO NA SOCIEDADE DE SERVIÇOS E NO TEMPO DA GLOBALIZAÇÃO**

Marcio Pochmann<sup>1</sup>

---

### **RESUMO**

O presente artigo trata da complexa questão do turismo. Tem como linha de raciocínio a breve e geral reflexão sobre o turismo como atividade econômica e setor gerador de trabalho e renda. Dessa forma busca oferecer análise a respeito da situação do turismo no Brasil. Espera-se, assim, poder contribuir no debate importante acerca do potencial econômico do turismo e suas oportunidades de renda e trabalho decente aos brasileiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho. Política. Sociedade.

### **ABSTRACT**

This article deals with the complex issue of tourism. Its line of reasoning is the brief and general reflection on tourism as an economic activity and sector that generates work and income. In this way, it seeks to offer analysis regarding the situation of tourism in Brazil. It is hoped, therefore, to be able to contribute to the important debate about the economic potential of tourism and its opportunities for income and decent work for Brazilians.

**KEYWORDS:** Work. Politics. Society.

### **INTRODUÇÃO**

Pelo potencial de geração de trabalho e renda, o turismo e o seu planejamento assumiram cada vez maior centralidade na agenda do desenvolvimento das nações. Seus benefícios em termos de elevação do nível ocupacional, ampliação e repartição da renda e obtenção de divisas externas têm sido inegáveis.

Apesar disso, o turismo, assim como outros setores da economia em geral, não deveria ser considerado isoladamente, pois se inter-relaciona

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto de Economia e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho, ambos da Universidade Estadual de Campinas.

com uma diversidade de aspectos macroeconômicos, sociais, culturais, demográficos, políticos, ambientais e outros. Mesmo assim, o turismo tem lugar estratégico na abordagem específica e setorial, considerando tanto as oportunidades de expansão como obstáculos, limites e deficiências de seu potencial nos planos internacional, nacional, regional e local.

Nesse sentido, a necessidade de combinar a análise ampliada do turismo externo e interno frente às multiplicidades de variáveis como a situação socioeconômica e as dimensões populacionais, de acesso e proximidade ao mercado. O nível da renda e sua repartição entre os residentes também se constituem elementos fundamentais para o avanço ou mesmo a contração do potencial de desenvolvimento do turismo em cada país, ademais das dimensões históricas, culturais, religiosas, étnicas, idioma, consumo, infraestrutura, segurança e outros.

Por conta disso, o tema do turismo explorado a seguir trata de contemplar, inicialmente, a sua forma e lógica de funcionamento geral na economia. No âmbito do trabalho e renda, por exemplo, suas possibilidades diante da transição atual da sociedade industrial para a de serviços em meio à globalização e seus questionamentos.

As três partes que constituem o presente artigo buscam transmitir, de certo modo, a linha de raciocínio acima mencionada. Enquanto a primeira parte identifica e considera na análise o tema do turismo enquanto atividade econômica plena, o situa na abordagem voltada para o trabalho e seu potencial.

Na terceira parte, o olhar do turismo focado no Brasil. Espera-se, assim, poder contribuir neste importante e atual debate acerca do turismo e suas possibilidades de contribuição para o desenvolvimento nacional.

## **TURISMO E ECONOMIA**

O turismo enquanto atividade econômica geradora de renda e emprego transformou-se profundamente nos últimos cem anos. Ainda que estivesse desde sempre associado a ocupar parte do tempo livre das pessoas e, em geral, de certa motivação para o deslocamento humano, o turismo somente passou a ser compreendido como parte do processo de acumulação de capital a partir do século XIX.

Nesse sentido, uma atividade econômica residual por sua inclinação inicialmente mais vinculada a grupos seletivos de viajantes, em geral, com maior poder aquisitivo e detentores de poder. O resultado do conjunto dos eventos de lazer, entretenimento e conhecimentos local e exterior foi o deslocamento da tradicional situação de estruturação do poder de

governantes e igreja em torno da ocupação do tempo livre das massas humanas relacionadas aos atos coletivos, rituais, atividades festivas, culturais, desporto, diversão, saúde, peregrinações cerimônias religiosas e não religiosas, entre outras<sup>2</sup>.

Assim, o termo turista esteve originalmente restrito as elites por revelar, em cada época, parcela específica de segmentos sociais privilegiados pelo poder aquisitivo e nível cultural. Mas isso terminou sendo alterado.

Para tanto, o surgimento das primeiras organizações empresariais privadas motivadas pelo lucro e voltadas para ampliação e segmentação do atendimento para clientelas específicas e sofisticadas por roteiros de viagens, estadias e roteiros culturais, sociais, entretenimentos e gastronômicos e outros, a partir, sobretudo da Europa<sup>3</sup>.

O turismo moderno que se estabeleceu enquanto organização econômica cada vez mais complexa e integrada no processo de acumulação de capital tem na atividade de viagens por navios, trens e carros (agência de viagens turísticas) instalados inicialmente na Inglaterra por Thomas Cook desde a década de 1840, o marco histórico referencial. Na sequência, o surgimento do voucher para o pagamento de serviços turísticos e de hotelaria desenvolvido por agência de viagens nos anos de 1860, passando pela emissão de cheques de viagens (*travel check*), cartão de crédito (American Express) e rede hoteleira suíça (Ritz hotel).

Também no plano local/nacional, a montagem de serviços de recepção/atendimento, atividades turísticas em lugares históricos e eventos culturais e desportivos a serem visitados, e estabelecimentos apropriados para as estadias e ocupação do tempo livre em lazer e entretenimento. Assim, a mundialização do turismo em plena fase de expansão do capitalismo conhecida por imperialismo até o seu esgotamento durante as duas grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945).

---

2 De acordo com historiadores e antropólogos, a concepção das atividades de não trabalho eram eventos que poderiam conter tanto inversões e até subversões marcadas pela alegria como atividades oficiais de manutenção da ordem, formação de identidade e construção da memória oficial e coletiva, Ver mais em: CUNHA, 2002; CANNADINE; PRICE, 1987; CAPELATO, 1998; JANCÓS; KANTOR, 2001; KYLE, 2007; SEGALÉN, 2000.

3 Termo turista (Sebarit) refere-se ao visitante que se desloca para locais diferentes de sua residência e trabalho sem a motivação da busca do lucro. Pela evolução do turismo encontram-se duas fases distintas, sendo a primeira ocorrida nos modos de produção pré-capitalistas, quando o tempo de não trabalho (ócio) era empregado nas atividades culturais, religiosas, desportivas e outras. A segunda fase, a partir do século XVIII, com o avanço do capitalismo associado à primeira Revolução Industrial na Inglaterra, o turismo foi organizado e estruturado em torno da busca do lucro. Ver mais em: OLIVEIRA, 2006; PÉREZ, 2009; TRIGO, 1998; URRY, 2001.

Embora desde antes do Império Romano existissem registros de atividades voltadas à formação e atração de públicos para eventos artísticos e lazer, ressalta-se que pertence ainda à época medieval, a constituição dos chamados “jardins de prazer” para a realização de apresentação de danças, fogos de artifício, jogos e músicas. O primeiro deles foi estabelecido em 1583, em Klampenborg, na Dinamarca, enquanto espaço físico previamente preparado para exposições itinerantes e atração de grande número de pessoas e recreação e diversão de viajantes.

Porém suas atividades eram restringidas muitas vezes pelas disputas feudais e guerras intensas até o começo do século XIX. A partir daí, o avanço de feiras e exposições mundiais, entre outras atividades como a construção de parques de diversões em locais urbanos fixos para atrair a seletividade etária, passando a vigorar, em geral, influenciado cada vez mais pelo desenvolvimento da complexa indústria do turismo no mundo.

Com o final do segundo após guerra, a partir da consolidação do sistema interestatal de funcionamento regulado do mundo, mesmo com a centralidade da Guerra Fria (1947-1991), o ambiente cultural, turístico e de lazer sofreu significativa modificação. O avanço da urbanização como parte fundamental da transição para as sociedades industriais estabeleceu a modernização das atividades do turismo como as estratégias de *marketing* e a amplitude das possibilidades opcionais para o lazer e entretenimento diversificado, do popular ao sofisticado.

Assim, a expansão do turismo foi correspondida pela ampliação dos deslocamentos humanos. A massificação da produção e do consumo dos meios de transportes públicos e privados, coletivos e privados (ferrovia, ônibus, automóvel, aviões), sobretudo para longas distâncias, superando as possibilidades inicialmente concentradas mais para as minorias. As praias europeias e estadunidenses, por exemplo, se transformaram rapidamente nos espaços naturais privilegiados para o turismo.

No sentido da atração e condução do turismo na sua forma massificada em termos do acesso populacional ampliado que novas experiências de diversão e entretenimento da população ganharam destaque. Exemplos disso encontram-se nos Estados Unidos após o segundo pós-guerra do século passado com Las Vegas (jogos e shows) e Disneylândia (parque temático) acompanhado do aumento dos investimentos em infraestrutura física, capaz de estabelecer redes de circulação integrando territórios que permitiram a confluência de multidões de distintas procedências, faixas etárias, gostos e costumes.

O turismo em expansão como atividade econômica se firmou e passou a ser objeto de políticas públicas e ampla organização empresarial

privada, abrangendo vários segmentos produtivos e ocupacionais. Nesse sentido, o funcionamento na forma industrial do turismo que se encaixou plenamente na perspectiva lucrativa do comércio e serviços, compreendendo atividades do setor terciário na estrutura produtiva através de hospedagem e transportes.

No sistema-mundo das economias, a conexão internacional do turismo, o que favoreceu a transformação do turismo em um dos principais fluxos de atração populacional e de capitais. Desde a década de 1980, por exemplo, com a globalização das economias e a desregulação dos controles nacionais instituídos, sobretudo no segundo após guerra pelo sistema interestatal, as atividades de turismo registraram um salto ainda maior.

As facilidades decorrentes das inovações tecnológicas e o favorecimento dos deslocamentos por várias modalidades abriram um novo campo de expansão para o turismo no mundo. Dessa forma, o conjunto das atividades de turismo encontra-se estruturado por enorme cadeia organizacional de comando, cada vez mais concentrado em poucos grupos econômicos.

Neste início da terceira década do século XXI, o turismo responde economicamente por mais de 11% da produção mundial, conforme o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC). Ao mesmo tempo, as atividades de turismo envolvem cerca de 10% do total das ocupações do planeta, segundo as informações disponibilizadas pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

## **TURISMO E TRABALHO**

O turismo nacional e internacional consolidou-se como atividade lucrativa e de crescente importância econômica e ocupacional entre as décadas de 1940 e 1970, quando a quantidade de turistas passou de 25 milhões de pessoas (1% da população mundial), em 1950, para 279 milhões de pessoas (5,6% da população mundial), em 1980 (UNWTO). Até a primeira Guerra Mundial (1914-1918), por exemplo, a quantidade de turistas no mundo girava ao redor de um milhão de pessoas (menos de 0,1% da população mundial da época).

Toda essa extraordinária expansão nas atividades de turismo, ao ser resultado de sua incorporação ao conjunto das atividades econômicas, contribuiu para impulsionar o desenvolvimento em maior ou menor medida em cada nação e no mundo como um todo. Dois motivos foram fundamentais para que isso viesse a ocorrer, especialmente a partir do segundo após guerra do século passado.

O primeiro motivo associado ao cenário de estabilidade mundial,

acompanhado aos anos de crescimento econômico contínuo com abandono do colonialismo e o nascimento de inúmeros países com políticas de estímulo à acumulação de capital e transição da sociedade agrária para urbana e industrial. O segundo vinculado ao aumento da organização dos ocupados e da difusão das políticas públicas de regulação do mundo laboral que permitiu elevar o poder aquisitivo das massas de trabalhadores o tempo livre, inclusive para o turismo.

A instauração de uma nova Ordem Internacional no segundo após guerra, com a instalação das Nações Unidas e mesmo com a vigência da Guerra Fria (1947-1991) entre os Estados Unidos e a União Soviética, concedeu estabilidade política, militar e econômica internacional assentada no sistema interestatal de governança do mundo. O processo de descolonização foi acompanhado pelo surgimento de cerca de 150 novos países, bem possibilitou a constituição dos sistemas nacionais próprios de governança e desenvolvimento econômico e social.

Assim, as três décadas que se seguiram ao final da Segunda Guerra Mundial apresentaram inédita expansão capitalista, sobretudo nos países industrializados. Por isso, esse período de tempo ficou conhecido como os anos dourados do capitalismo avançado em decorrência da regulação estatal do crescimento econômico e da elevação do padrão de vida.

O salto nos investimentos em infraestrutura física (portos, aeroportos, rodovias e outros) e turística (hotelaria, restaurantes, parques temáticos, qualificação de mão de obra e outras) mostrou-se fundamental para poder remodelar a estrutura organizativa que existia até então para o turismo. Ademais, a cultura lucrativa do ócio, em plena consolidação da sociedade capitalista do espetáculo, ganhou primazia.

Nesse sentido, o segundo motivo associado ao salto do turismo no mundo deu-se vinculado à regulação do trabalho no interior de cada nação, capaz de buscar o pleno emprego da mão de obra e da repartição menos desigual dos ganhos de produtividade. Para tanto, medidas adotadas para possibilitar a elevação do poder aquisitivo dos trabalhadores, bem como a redução da jornada de trabalho (40 horas em cinco dias semanais e férias) e a ampliação de férias e descanso nos finais de semana.

Também contribuiu para isso, o fortalecimento do Estado de bem-estar social. A ampliação da oferta universal de bens e serviços nas áreas de educação, saúde, assistência social, transporte, moradia e outros favoreceu a liberação de parcela do rendimento dos trabalhadores para o financiamento do tempo livre, como as oportunidades estabelecidas pela indústria do lucrativo ócio expresso no turismo.

A garantia de renda para que diversos segmentos da sociedade (crianças, doentes, deficientes físicos e mentais, idosos e outros) pudessem manter a inatividade remunerada abriu significativa possibilidade de inclusão social. Em decorrência do maior tempo livre e da ampliação da renda dos trabalhadores, aliada às possibilidades organizadas e fortalecidas por iniciativas públicas (infraestrutura e estímulos empresariais) e privadas alargou significativamente a promoção das viagens e dos investimentos em conhecimento em outras culturas e lazer interno e externo em cada nação e entre nações.

Porém, foi a partir da passagem para sociedade de serviços (pós-industrial ou do conhecimento) que o turismo foi configurado como uma das principais características da própria globalização desde os anos de 1980. O turismo que envolvia menos de 280 milhões de pessoas (5,6% da população mundial), em 1980, saltou para quase 1,5 bilhão de pessoas (19,5% da população mundial), em 2019.

Nas últimas quatro décadas, algumas razões podem ajudar a entender a quase multiplicação por cinco vezes a relação entre o número de turistas e a população mundial. Nesse sentido, o fim da Guerra Fria, embora não tenha significado o desaparecimento de conflitos, guerras, terrorismo e outros atos de violência e insegurança pública, integrou a parte do mundo separado praticamente até a queda das experiências do chamado bloco soviético, em 1991.

Para, além disso, o salto massificador da oferta turística mundial resultou do impulso modernizador de infraestrutura física ampliada nos países. De um lado, os organismos multilaterais como o Banco Mundial, bem como as próprias iniciativas governamentais buscaram fortalecer, em geral, diversos programas que ampliaram as linhas de financiamento. Especialmente para os países com algumas vocações históricas, culturais e naturais, os investimentos econômicos realizados permitiram a ampliação das atividades turísticas.

De outro lado, a rearticulação de grandes operadoras no turismo tratou de reorganizar o conjunto da oferta mundial nas atividades turísticas. Assim, o mercado passou a conviver com a explosão de pacotes turísticos e preços segmentados por demografia e renda da população, permitindo o salto na massificação da oferta a custos decedentes.

Ao mesmo tempo, a melhora dos transportes e a internacionalização das cadeias de turismo, como as redes hoteleiras, operadoras e a diversificação das oportunidades de comprometimento do tempo livre com a proliferação de parques temáticos, *resorts*, grandes eventos na saúde, religião, desportos, cultura, entre outros. O salto nos transportes, com o acesso aos

trens de alta velocidade e aos aviões modernos, bem como a consolidação no uso dos voos charter, por exemplo, possibilitaram a queda nos custos de pacotes turísticos em grande escala massificada.

Ademais, a transformação da estrutura ocupacional, com o surgimento de novas técnicas de *marketing*, organização de informações para novidades em termos de produtos e destinos. Também a internalização das redes de comunicação e adoção de ambientes de multimídia conferiu ao segmento do turismo a modernização com a diversificação da prestação de serviços, comercialização e parcerias. Mais recentemente, as inovações no turismo através das iniciativas da chamada economia compartilhada. Nesse sentido, o compartilhamento de imóveis desde a década de 2010 ampliou as ofertas dos serviços de hospedagem a baixo custo, em geral, para a expansão ainda maior do turismo (aplicativos de hospedagem compartilhada como Airbnb) para além das cadeias tradicionais de operação do setor.

Da mesma forma, o compartilhamento de veículos (UBER, Cabify e outros) e do deslocamento pessoal (BlablaCar), bem como de empresas de intercâmbio variado, possibilitou o engrandecimento do ramo do turismo no mundo em diversos países. Também o aparecimento de companhias de baixo preço (*low cost*) na aviação permitiu reduzir custos no deslocamento aéreo contemplou o conjunto de tendências mundiais que fortaleceu ainda mais o desenvolvimento do turismo enquanto atividade econômica e ocupacional.

Para além da importância do salto na oferta das atividades de turismo, seja na sua diversificação de possibilidades e de custos, seja nas facilidades concebidas pela estruturação do setor e organização empresarial, o encorajamento da demanda mostrou-se fundamental. Um sem o outro não permitiriam compreender o sucesso do turismo no mundo atual.

Assim, o necessário reconhecimento de que as relações sociais capitalistas sofreram alterações substanciais, capazes de permitir que as fronteiras do tempo social do trabalho heterônomo (pela sobrevivência) e do não trabalho (autônomo pelo tempo livre) pendessem mais ao último. Isso pareceu ficar evidente na comparação da divisão do tempo social vigente na antiga e longa sociedade agrária com a prevalecente na sociedade urbana e industrial.

Nas experiências dos modos de produção pré-capitalista, a expectativa média de vida das populações era praticamente a metade da verificada posteriormente nas sociedades urbanas e industriais. Face à baixa produtividade alcançada no agrarismo, o tempo social não se delimitava a fronteiras tão explícitas entre o trabalho e não trabalho, pois além de ser realizado, em geral, no próprio local de moradia (no campo), iniciava muito



cedo, praticamente na faixa etária dos 5 a 6 anos de idade e seguia sem interrupção até a morte.

Sem a presença estruturada e universalizada dos sistemas públicos de ensino e de aposentadoria e pensão, com a prévia garantia de renda financiada pelo fundo público, o tempo social encontrava-se absorvido fundamentalmente pelo trabalho heterônomo. Também era acompanhado por elevadas jornadas de trabalho, sem contar com a regulação máxima do tempo estabelecida posteriormente nas sociedades urbanas e industriais, como as férias, descanso semanal e jornadas diárias de 8 horas e semanais de 48 horas.

A passagem de uma vida rural comprometida com cerca de mais de 2/3 do tempo com o trabalho pela sobrevivência para menos de 40% nas sociedades não rurais, permitiu a ampliação considerável do tempo livre. Com a industrialização e urbanização, o modelo de sociedade passou a se assentar na circularidade do tempo social entre trabalho heterônomo e não trabalho (moradia e lazer)<sup>4</sup>.

Assim, o modo frenético de vida nas cidades passou a ser acompanhado pela oferta de possibilidades crescentes de complementação ao cotidiano massacrante imposto pela transformação do trabalho humano. A adoção cada vez mais intensiva dos métodos de administração científica e de mecanização terminou por otimizar e rotinizar o trabalho de forma submissa ao formato de apêndice das máquinas e equipamentos modernos de elevação da produtividade.

A mercantilização das alternativas de diversão e prazer se fez concomitante com o desenvolvimento capitalista. Expressou, assim, o avanço no ramo da prestação de serviços turísticos constituídos no vácuo da expansão do tempo do não trabalho e da maior expectativa de vida.

Mas isso, é claro, com a redistribuição dos ganhos de produtividade alcançados pela maior tributação que elevou o fundo público gerido pelo Estado de bem-estar social. Dessa forma permitiu financiar a maior inatividade da classe trabalhadora entre crianças e jovens, bem como idosos, doentes e deficientes físicos e mentais.

A luta sindical e a regulamentação do mundo do trabalho por inéditas legislações social e trabalhista impuseram a repartição da produtividade com os trabalhadores. A ampliação do tempo de não trabalho e dos

---

4 O debate sobre o circuito do tempo no trabalho, moradia e lazer tem sido amplo e complexo. No caso do lazer, por exemplo, a controvérsia encontra-se desde sua origem e existência no passado ou algo circunscrito as sociedades urbanas industriais e de serviços. Sobre isso ver mais em: MARCELLINO, 1996; DUMAZEDIER, 2004.

salários médios pagos pelos patrões foi produto justamente disso.

Também a regulação da competição intercapitalista compensou, em parte, o crescimento das margens de lucro das empresas com a queda nos preços dos bens e serviços da sociedade urbana e industrial. Com a conquista das condições do pleno emprego, a estruturação e ampliação da oferta do crédito de curto prazo direto ao consumo e de médio e longo prazo à aquisição de bens de maior valor unitário (casa e automóvel). Assim, o maior tempo livre e o aumento da quantidade de recursos voltados ao financiamento das atividades de lazer e prazer consagraram a moderna organização empresarial do complexo e cada vez mais articulado setor de turismo no espaço das nações.

Pela globalização, a correlação com o turismo foi ainda maior frente a sua ascensão a condição de uma das atividades econômicas de maior peso e dinamismo no processo de acumulação de capital. Ademais, o turismo passou a interpenetrar crescentemente nos valores e desejos humanos combinados aos benefícios do progresso tecnológico<sup>5</sup>.

Dessa forma, a consolidação do ramo do turismo concebido pelas empresas de viagens, transportes (aéreas, ferroviárias, rodoviárias e aquáticas), diversões (cassinos, hotéis, parques de diversões, museus, casas de espetáculos etc.), construções (residências de campo, trailers, equipamentos de camping) e outras, absorveu uma diversidade de ocupações. Nos ofícios de operacionalização, planejamento, publicidades, vendas, construções, fábricas prestações de serviços variados, o turismo alargou significativamente o mercado de trabalho cada vez mais operacionalizado por corporações transnacionais (redes hoteleiras, empresas de transporte aéreo, operadoras e agências de viagens) em escala internacional.

Em cada grupo de dez ocupados no mundo, um encontra-se vinculado às atividades do turismo. Além de contribuir para elevar o nível das economias, o turismo firmou-se como elemento importante nos fluxos de investimentos e na conta de serviços do Balanço de Pagamentos.

## **TURISMO NO BRASIL**

No caso brasileiro, a perspectiva do turismo esteve presente desde os primórdios da colonização iniciada há cinco séculos pelos portugueses. O sentido colonial não contemplou desde a sua origem, a construção de uma

---

5 Com isso, o papel do turismo na política geoeconômica e organização espacial no mundo enquanto incremento industrial, demandas locais, divisas externas, arrecadação tributária, intercâmbio cultural e de conhecimento. Ver mais em RODRIGUES, 1999; KRIPPENDORF, 2000 e CORIOLANO, 1998.

nação, mas sua transformação em fonte de enriquecimento individual o mais rápido possível e a qualquer preço.

Dessa forma, os negócios da colônia incluíram, em geral, as oportunidades do estar distante, sempre que possível, do novo mundo, e próximo do continente civilizado representado pela velha Europa. Mas foi somente a partir da transição da antiga e primitiva sociedade agrária para a sociedade urbana e industrial que a modernização do padrão de consumo e mudança no modo de vida introduziu tardiamente a atividade do turismo no projeto de nação a partir da década de 1930<sup>6</sup>.

Com isso, a perspectiva da promoção de determinadas localidades em consequência da vocação do patrimônio natural, cultural e histórico, é muitas vezes mais estimulada por iniciativas locais do que por uma ação nacional. Também ficou residindo ao turismo certa compensação restaurativa da brutal desigualdade social, econômica e territorial no país de dimensão continental.

Por conta disso, o setor de turismo, com baixa conexão com o todo do projeto nacional, permaneceu por muito tempo limitado a determinantes localidades. Assim, condicionado às relações capitalistas no segundo plano das escalas nacionais de produção de mercadorias, o turismo permaneceu contido, sem avanço suficiente à organização empresarial e acesso generalizado as massas, diferentemente da experiência dos países desenvolvidos.

Como se fosse uma espécie de enclave no território nacional, o turismo permaneceu relativamente à margem das amplas transformações intrínsecas à transição da antiga sociedade agrária para a urbana e industrial. Mesmo assim, o turismo não deixou de avançar, embalado pelo rápido crescimento econômico e ampla urbanização nacional.

A transição para a sociedade de serviços em meio ao alastramento da globalização, o turismo segue como fonte importante de oportunidades de emprego e geração de renda. Conforme estimativas mais recentes, as atividades de turismo respondem por 7,5% do total de empregos, enquanto a sua contribuição no Produto Interno Bruto alcança 8%.

Em termos internacionais, o país ocupa a 13<sup>a</sup> posição no ranking da economia do turismo, conforme levantamento de *World Travel & Tourism Council* (WTTC). Não obstante a importância das atividades do turismo no

---

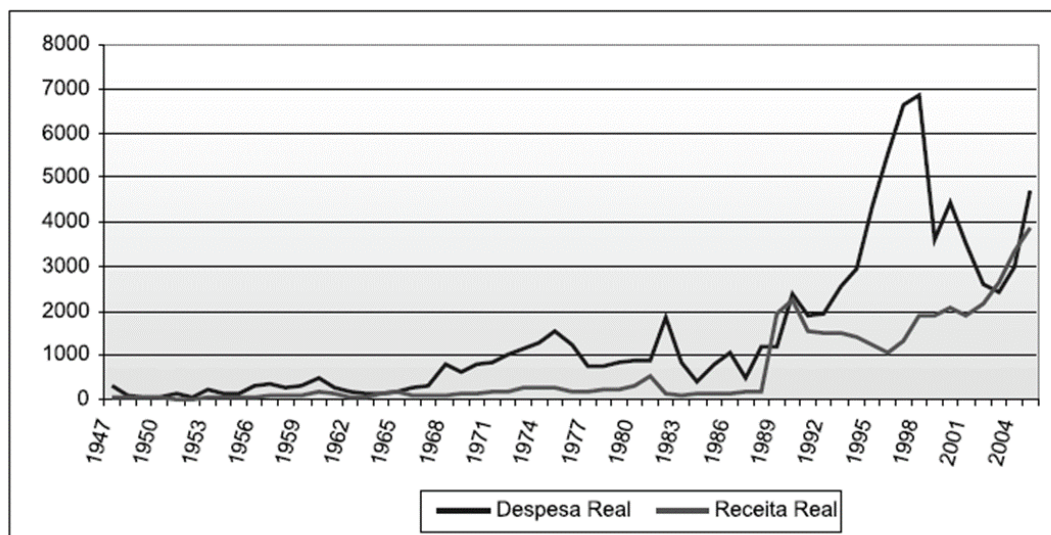
6 Nos relatos sobre a vida cotidiana e a organização da estrutura produtiva com a industrialização e urbanização que o tema do tempo livre para a classe trabalhadora deixa de ser exclusivo até então à minoria elitista de ricos e poderosos. Também o lazer traçado por políticas públicas estimulou a oferta dos serviços de lazer e turismo no Brasil. Ver mais em SILVA, et al, 2011; PIRES, 2002; BENI, 2003.

Brasil, há lacunas que precisam ser consideradas para o seu enfrentamento e melhor aproveitamento da atividade econômica e ocupacional nacional.

Isso porque a prevalência da desigualdade e da exclusão social segue contendo as possibilidades do turismo doméstico. O foco nas tentativas de superação da herança de maior espontaneidade dos residentes de maior renda em saírem temporariamente do país, que o ingresso de estrangeiros a se beneficiarem do potencial do turismo no Brasil parecem não surtir efeito positivo esperado.

Diante da notabilidade dos gastos com viagens internacionais nas contas externas do país (Balanço de Pagamentos), percebe-se pelo levantamento contábil realizado desde a década de 1940 como as receitas com a entrada de estrangeiros se apresentam inferiores às despesas comprometidas com a saída de residentes nacionais em viagens internacionais. Entre os anos de 1947 e 2005, por exemplo, os gastos com viagens internacionais no total das despesas com serviços do balanço de pagamentos brasileiro foram, em média, 14%, mantendo o déficit tanto financeiro como em termos de viajantes na conta do turismo brasileiro<sup>7</sup>.

Gráfico 01: Brasil - receitas e despesas de viagens internacionais entre 1947 e 2005 (em US\$ milhões de dezembro de 2005)



Fonte: Meurer (2007, p.364)

Com a globalização, os gastos com viagens de brasileiros para o exterior

<sup>7</sup> Sobre as informações apresentadas ver MEURER, 2007 .

cresceram muito mais, atingindo a 18% como média entre 1980 e 2005 e superior a 30% se comparado ao período dos anos de 1996 a 1998. Ao se considerar a quantidade de viajantes para o exterior, percebe-se o salto verificado a partir dos anos de 1990, que passou de 1,1 milhão de pessoas para 8,2 milhões, em 2019, com crescimento médio anual de 7,2%, ao passo que entre 1970 e 1990, o número de viajantes para o exterior cresceu, em média anual, 5,9%.

Observa-se, portanto, como o ingresso passivo e subordinado do Brasil na globalização desde os anos de 1990 mostrou-se negativo ao turismo nacional. Com a liberalização do mercado de câmbio e as inovações financeiras como as operações com cartão de crédito efetuados no exterior possibilitaram salto ainda maior no deslocamento e nos gastos de brasileiros no exterior, sem idêntica contrapartida por estrangeiros no turismo nacional.

Quando se analisa o saldo na conta brasileira das viagens internacionais, constata-se o significativo déficit e sua prevalência ao longo do tempo. No ano de 2018, por exemplo, a diferença entre a entrada e saída de dólares na conta de viagens internacionais foi de 12,3 bilhões de dólares, após ter atingido US\$ 18,7 bilhões em 2014.

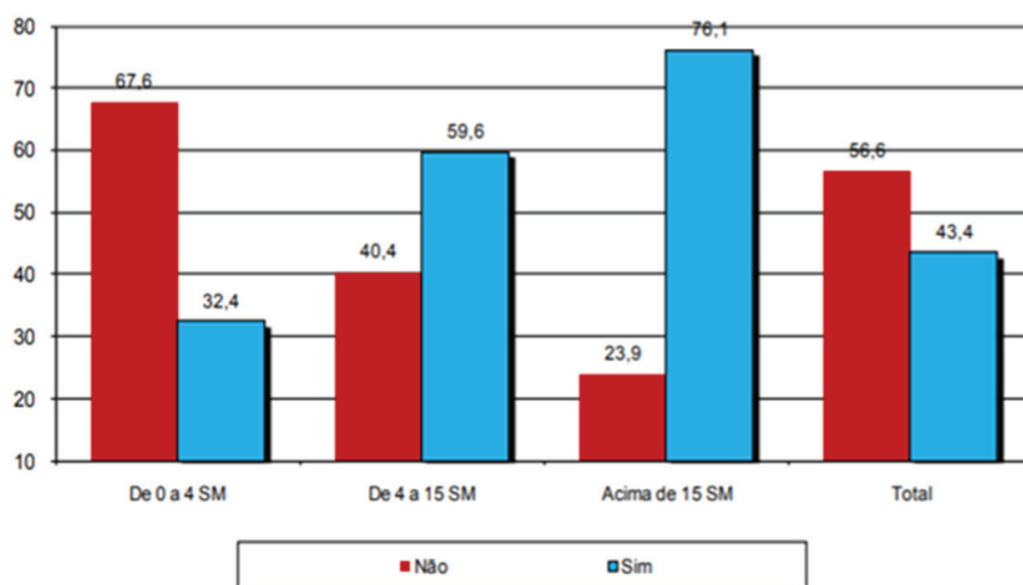
Em 1995, o déficit na conta de viagens internacionais foi de US\$ 2,4 bilhões, tendo alcançado o superávit somente por duas vezes (em 2003 e 2004) até 2019. No ano de 2018, por exemplo, a participação do Brasil nas receitas mundiais do turismo foi de 0,3%, enquanto em 1985 era de 0,5%.

A trajetória histórica do deslocamento maior de turistas nacionais para o estrangeiro que o inverso não apresentou, até o presente momento, uma inflexão. Ao mesmo tempo, as decantadas belezas naturais do país, bem como as políticas de estímulo à atração turística não se mostraram suficientes para a superação do constante déficit de divisas externas.

Em geral, os diagnósticos convencionais disponíveis acerca dos obstáculos ao desenvolvimento do turismo no Brasil convergem para as tradicionais afirmações de deficiências na segurança pública, infraestrutura, mão de obra e outros aspectos limitadores do potencial dos patrimônios naturais e da biodiversidade nacional, reconhecida entre as mais ricas do mundo. Mesmo tendo expandido a infraestrutura turística, com significativos investimentos realizados para sustentar os grandes eventos esportivos e de entretenimentos mais recentemente, o país permaneceu, comparativamente em termos internacionais, como detentor das já conhecidas deficiências no custo de hospedagem, no preço do deslocamento e na estrutura de recepção e qualidade na prestação dos serviços turísticos.

Por outro lado, os brasileiros quando pesquisados a respeito do turismo nacional tendem a apontar razões distintas às convencionais de obstáculos ao potencial não aproveitado no país. Assim, as deficiências no turismo interno apresentadas por pesquisa divulgada pelo Ministério do Turismo do governo brasileiro indicam fundamentalmente os problemas estruturais assentados à profunda concentração da renda e à bárbara exclusão social.

Gráfico 02: Brasil - realização de pelos menos uma viagem segundo nível de renda por renda familiar (em %)

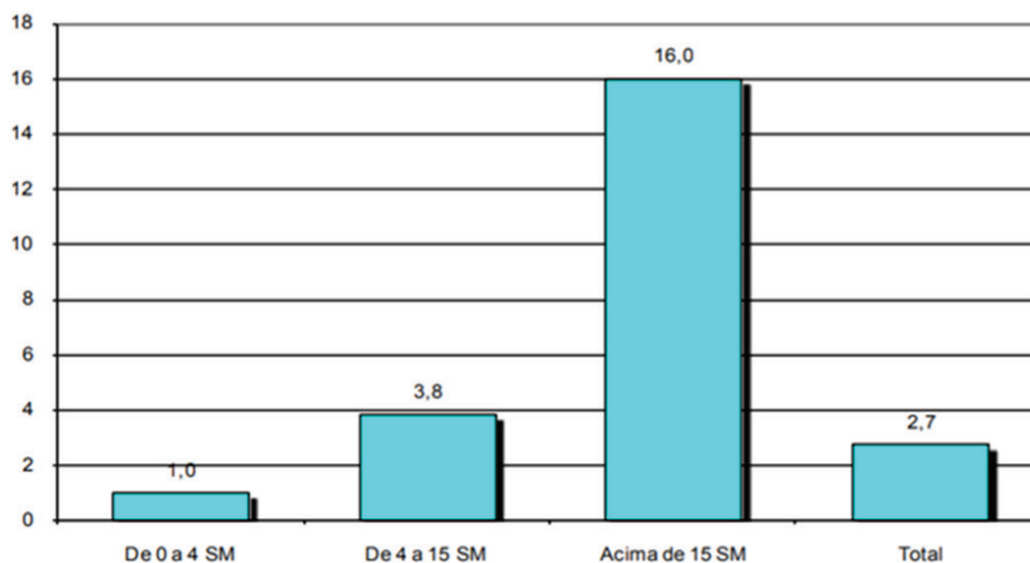


Fonte: Ministério do Turismo, 2007.

De acordo com a pesquisa divulgada pelo MT/Fipe em 2007, somente 1/3 dos brasileiros com rendimento familiar de até 4 salários mínimos mensais conseguiram realizar pelo menos uma viagem vinculada com o turismo. Ao mesmo tempo, o segmento social com renda familiar acima de 15 salários mínimos mensais registrou que 4/5 dos brasileiros realizaram pelo menos uma viagem turística.

No conjunto das razões indicadas para não viajar, nota-se que na faixa de até 4 salários mínimos mensais, 65% justificaram não dispor de dinheiro suficiente, enquanto aqueles que recebem mais de 15 salários mínimos mensais somente 19,9% acusaram não haver recursos financeiros para viagem turística. Para o segmento de maior renda, as dificuldades para o turismo encontram-se na ausência de tempo para viajar.

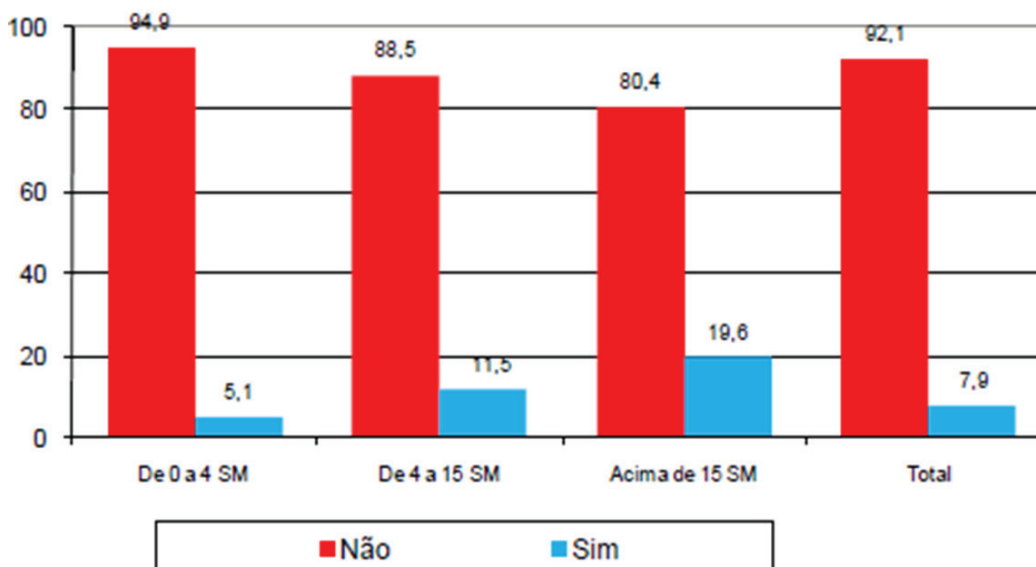
Gráfico 03: Brasil - realização de viagem internacional por nível de renda familiar (em %)



Fonte: Ministério do Turismo, 2007.

No que se refere à realização de viagens internacionais, por exemplo, a discrepância em termos de faixas de renda familiar é ainda mais brutal. Somente 1% do conjunto de brasileiros com até 4 salários mínimos mensais de renda familiar conseguiu viajar para o exterior, ao passo que 16% do segmento social com mais de 15 salários mínimos mensais de renda familiar viajaram ao exterior.

Gráfico 04: Brasil - realização de viagem nacional rotineira por nível de renda familiar (em %)



Fonte: Ministério do Turismo, 2007.

Também no que diz respeito à realização de viagens domésticas rotineiras, a diferença da renda familiar justifica o diferencial entre os brasileiros. Quanto maior o nível de renda, maior a prática de viajar entre os residentes no Brasil.

Do ponto de vista da posse de imóvel em outra cidade, o que poderia ensejar a prática de viagens rotineiras, por exemplo, a faixa de rendimento é determinante. Na base da pirâmide social, as famílias que concentram rendimento de até 4 salários mínimos mensais, somente 3,2% possuem imóvel em outra cidade a que reside, ao passo que no andar de cima, com mais de 15 salários mínimos de recebimento mensal, quase  $\frac{1}{4}$  destas famílias possuem moradias em outra cidade.

Para as motivações das viagens domésticas, destaca-se a situação não muito distinta entre os diferentes níveis de rendimento familiar dos residentes no país. O lazer, por exemplo, corresponde por 63,5% dos motivos das viagens domésticas realizada por brasileiros com rendimento familiar de até 4 salários mínimos mensais, o que representa praticamente a mesma importância relativa (64%) do segmento com renda familiar superior a 15 salários mínimos mensais.

A maior diferença encontra-se no conjunto de viagens por motivo de negócios. Enquanto quase  $\frac{1}{3}$  dos brasileiros com renda familiar acima de 15 salários mínimos mensais viajam para realizar negócios, menos de  $\frac{1}{4}$  daqueles situados na base da pirâmide social (até 4 salários mínimos de renda familiar) as fazem por negócios.

De maneira geral, os destinos almejados nas viagens nacionais dos brasileiros terminam não divergindo significativamente por nível de rendimento. Os locais privilegiados por belas praias, como no Nordeste, especialmente em Fernando de Noronha, Fortaleza, Salvador e Natal têm prioridades turísticas em termos dos principais desejos dos turistas nacionais.

Contudo, há algumas diferenças entre níveis de rendimento. Para os estratos superiores de renda, por exemplo, as viagens para Gramado (RS), Manaus (AM) e Bonito (MS) têm maior apelo do que verificado nos estratos inferiores de renda. O contrário também se percebe em relação às localidades como São Paulo (SP), Brasília (DF), Salvador e Rio de Janeiro que apresentam maiores interesses nos segmentos de menor renda quando comparados com aos de maiores níveis de rendimento.

De todo o modo, a composição nacional dos destinos preferenciais dos brasileiros revela a concentração na região Sudeste que responde por



quase 50% da totalidade das viagens domésticas. Na sequência, aparecem as regiões Nordeste (20%), Sul (19,5%), Centro Oeste (9,2%) e Norte (2,7%).

Essa situação tende a expressar o fato de que 76,3% dos turistas que viajam no Brasil pertencem à própria região. No caso da região Sudeste, por concentrar a maior parte dos viajantes e também dos voos comerciais, tende a revelar a maior participação das viagens realizadas no país, o que confirma 91,1% dos turistas rotineiros no Brasil serem da própria região de origem da viagem.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em conformidade com as páginas anteriores, constata-se como o desenvolvimento do turismo passou a corresponder significativamente na composição da produção e das ocupações no mundo. A sua considerável posição atual se apresenta relativamente recente ao longo do tempo, posto que na maior parte da trajetória humana, as atividades de ocupação com o não trabalho pela sobrevivência, identificadas por lazer, entretenimento, viagens e outras, não estavam associadas à busca do lucro.

Com o capitalismo, sobretudo associado às revoluções industriais e tecnológicas e ao avanço das sociedades urbanas e industriais, que o turismo se estabeleceu enquanto organização empresarial no formato dos negócios lucrativos. No caso brasileiro, o turismo emergiu tardio no tempo, embora desde a época colonial que a concepção de viagens com a perspectiva do não trabalho pela sobrevivência esteve associada ao sentido do deslocamento para o exterior.

Nesse sentido, a compreensão acerca da conta deficitária - histórica e atual - nas viagens internacionais, uma vez que o conjunto de gastos de residentes no exterior tem sido geralmente superior às despesas de turistas não residentes em viagens turísticas no Brasil. Ademais, em se tratando do turismo doméstico, as possibilidades de viagens dos brasileiros padecem de problemas estruturais associados à péssima distribuição de renda, riqueza e poder.

Conforme comprovam pesquisas realizadas com brasileiros pelo próprio Ministério do Turismo, o constrangimento do contido rendimento compromete o aproveitamento do tempo de não trabalho pela sobrevivência com viagens turísticas. Assim, a supremacia da desigualdade distributiva no país termina por superar os demais obstáculos ao desenvolvimento turístico brasileiro, tais como as deficiências em segurança, infraestrutura, mão de obra e outros aspectos limitadores do potencial dos patrimônios naturais e da biodiversidade entre as mais ricas do mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL JUNIOR, J. *O Turismo na periferia do capitalismo*. São Paulo: PUC, 2008.
- ASSUNÇÃO, P. de. *História do turismo no Brasil entre os séculos XVI e XX: viagens, espaço e cultura*. Barueri: Manole, 2012.
- BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Senac, 2001.
- BENI, M. *Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira*. São Paulo: Aleph, 2003.
- BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BRINGHENTI, A. *Turismo internacional no Brasil: 1995-2002 – o papel do Estado na história, conquistas, retrocessos*. Porto Alegre, PUC, 2007.
- BRITO, S. P. *Imobiliária do lazer e turismo residencial*. Porto: SPI, 2010.
- BURSZTYN, I. *Políticas públicas de turismo visando à inclusão social*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2005.
- CANNADINE, D.; PRICE, S. (ed.) *Rituals of Royalty*. Cambridge: University Press, 1987.
- CAPELATO, M. *Multidões em Cena*. Campinas: Papirus, 1998.
- CORIOLOANO, L.; SILVA, S. *Turismo e Geografia: abordagens críticas*. Fortaleza: Ed UECE, 2005.
- CUNHA, M. (org.) *Carnavais e outras festas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- DENCKER, A. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura, 1998.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- EMBRATUR. *Conceitos Turísticos*. Brasília, 1991.
- FRATUCCI, A. “A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo”. *Turismo & Sociedade*. Curitiba, v. 9, n. 2, p. 1-20, maio-agosto de 2016.
- JANCSÓ, I.; KANTOR, Í. (orgs.). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2001. v. 2.
- KISHIMOTO, T. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 1996.
- KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo*. São Paulo: Editora Aleph, 2000  
\_\_\_\_\_. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000.
- KYLE, D. *Sport and Spectacle in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 2007.
- MARCELLINO, N. (Org.) *Lazer e sociedade*. Campinas: Editora Alínea, 2008

- MARCELLINO, N. *Estudos do Lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996
- MARCELLINO, N. *Lazer e educação*. 11ª ed. Campinas, Papirus, 2004.
- MARTINEZ, E. “Un nuevo producto turístico”. Madrid: *Estudios Turísticos*, n. 104, 1989.
- MELO, V. *Lazer e minorias sociais*. São Paulo: Ibrasa, 2003.
- MEURER, R. “Comportamento das despesas com viagens internacionais do Brasil: 1947 a 2005”. *Turismo - Visão e Ação*. vol. 9, n. 3 p. 359-373 set. /dez. 2007.
- MINISTÉRIO DO TURISMO *Características e dimensões do turismo no Brasil*. Brasília: MT/Fipe, 2007.
- MOLINA, S. *Turismo: metodologia e planejamento*. Bauru: EDUSC, 2005.
- NETTO, A.; ANSARAH, M. (ed.) *Segmentação do mercado turístico*. Barueri – SP: Manole, 2009.
- OLIVEIRA, A. *Turismo e desenvolvimento*. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1998.
- OLIVEIRA, F. *Espaço, lugar, identidade e urbanização: conceitos geográficos na abordagem do turismo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- OURIQUES, H. *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. Campinas: Aliena, 2005.
- PÉREZ, X. *Turismo cultural: uma visão antropológica*. Tenerife: ACA y PASOS, 2009.
- PIRES, M. J. *Raízes do turismo no Brasil*. 2. ed. Barueri: Manole, 2002.
- REQUIXA, R. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- RODRIGUES, A. *Psicologia social*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RUSCHMANN, D. “Produtos e atrativos turísticos”. *Turismo - Visão e Ação* - ano 2 - n.5 - p.81-90 out-1999/mar-2000.
- RUSSEL, B. *Elogio ao lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977
- SANT’ANNA, D. *O prazer justificado: história e lazer*. São Paulo: M. Zero, 1994.
- SEGALEN, M. *Ritos e rituais*. Lisboa: Europa-América, 2000.
- SILVA, O, et al. “A evolução histórica do turismo: da antiguidade clássica a revolução industrial”. *Revista científica eletrônica de turismo*. Ano V, nº 9, Jun, 2008.

TRIGO, L. *Turismo básico*. 2. ed. São Paulo: Senac, 1998.

URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.